

Resumos

BIBLIOTECA DE MACHADO DE ASSIS: LEITURAS

Alba Valéria Niza Silva
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
e-mail: albavniza@yahoo.com.br

Resumo: Este estudo tem como objetivo refletir sobre as informações contidas nos artigos presentes na obra *Biblioteca de Machado de Assis*, organizada por José Luís Jobim. Através dos estudos do pesquisador Jean-Michel Massa, da professora Glória Viana, da professora Ana Lúcia de Souza Henriques, do próprio Jobim, entre outros, analisaremos a obra machadiana (de maneira geral) e sua relação com o sistema de referências intelectuais de seu tempo e, ainda, conheceremos o que restou da biblioteca do autor e saberemos “quais os assuntos, quais os gêneros, quais os autores lidos por Machado, a partir dos quais/com os quais/contra os quais ele elaborou sua escrita”.

O HUMANITISMO DE QUINCAS BORBA: POR UMA FILOSOFIA COMO MODO DE VIDA

Alex Fabiano Correia Jardim
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
e-mail: alfaja@hotmail.com

Resumo: Machado de Assis, em duas obras: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba* nos apresenta um personagem, Quincas Borba. Este personagem aparece nos dois romances como responsável pela construção de um conceito filosófico: o Humanitismo. Utilizando-se desse recurso, Machado de Assis, via Quincas Borba, pensa a possibilidade de uma filosofia enquanto “modo de vida ou exercício prático de vida”. De certa maneira, a vida como exercício filosófico, através do conceito “humanitismo” é a exigência maior de uma vida filosófica apoiada no entendimento e compreensão dos movimentos que perpassam o universo sem um juízo moral ou determinação apoiada pela crença nas idéias de bem ou mal instituídas pela religião cristã. O filósofo Quincas Borba, retornando à origem filosófica, busca na idéia do “*princípio das coisas*” um estatuto metafísico e também científico para fundamentar suas idéias. Mas, o que teremos de mais significativo é o valor que se dá em seu sistema de pensamento ao conceito de vida, tendo como referência maior o homem e a conquista da felicidade. Desta maneira, o humanitismo do filósofo Quincas Borba vai para além de uma filosofia da miséria, escapando do torpor moral em função de uma existência ética transgressora.

A PAIXÃO SEGUNDO O BRUXO: MACHADO DE ASSIS E AS (CO)MEMORAÇÕES DE SEMANA SANTA

Alex Sander Luiz Campos
Osmar Pereira Oliva
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
e-mail: alexletra1@yahoo.com.br

Resumo: O drama da Paixão, que compreende os momentos finais de dor e sofrimento da vida de Jesus Cristo entre os homens, está impregnado de forma indelével no pensamento da cristandade. Embora Miguel-Pereira afirme, em seu estudo crítico e biográfico sobre Machado de Assis (*Machado de Assis*, 1935), que foi característica marcante do espírito machadiano a aversão à crença religiosa e a qualquer espécie de mística, há textos do bruxo do Cosme Velho que mostram que ele não foi de todo indiferente em relação às coisas espirituais. Em significativos momentos de sua carreira, o escritor fluminense expressa seu sentimento em relação às celebrações de semana santa, seja exaltando o fúnebre sudário do “Homem-Deus”, seja criticando, indignado, práticas da tradição católica apoiadas mais no materialismo do que na experiência mística. Seduzido pelos eventos da Paixão, o Bruxo revela em tais textos sensibilidade ímpar para criticar a hipocrisia humana sem deixar de encontrar, séculos após a morte de Cristo, momentos de humanidade e renovada comoção na leitura dos Evangelhos.

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO SOB INFLUÊNCIA DO MITO DE EVA

Alexsandra Loiola Sarmiento
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
Centro de ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF
e-mail: alexsandrasarmiento@ig.com.br

Resumo: O presente trabalho analisa a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, explorando as representações femininas associadas ao mito de Eva. Procura-se identificar na obra a presença do mito de Eva como contraponto do masculino à firmeza feminina. A despeito da conotação negativa que faz o narrador dos caracteres femininos como inteligência e altivez, o aspecto de fracasso masculino não é anulado. O tipo fracassado que aparece na obra tem valor significativo, na medida em que faz emergir o outro: o feminino. Pois, as personagens femininas retratadas, guardados os limites de verossimilhança da época, não assumem o comando político e social, mas possuem a inteligência para defender seus interesses e comandar o homem pela

subjetividade. Portanto, ao passo que o masculino acredita dominar a situação, ele passa ser o iludido. Assim, este estudo faz, primeiramente, uma análise do significado do mito de Eva associado às personagens femininas; num segundo momento, é estabelecido um contraste entre a firmeza feminina e a fragilidade masculina; por outro lado, é mostrada a fuga do masculino ao rebaixamento, através de conotações pejorativas do feminino. Finalmente, as razões do fracasso masculino e da caracterização das personagens femininas na obra.

“O ALIENISTA” E A CRÍTICA AO CIENTIFICISMO: MACHADO DE ASSIS CONTRA SEU TEMPO

Antônio Wagner Veloso Rocha
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
e-mail: awrocha@uol.com.br

Resumo: Não há dúvida de que as perplexidades do homem constituem-se a matéria-prima da trajetória literária de Machado de Assis, sejam elas de ordem metafísica, psíquica, moral, ideológica. Os seus escritos nos permitem vislumbrar a tessitura de um olhar antropológico permeado de ironia e de verdade a partir da análise dos fenômenos da vida e dos acontecimentos imputados à existência humana. Com o objetivo de realizarmos uma abordagem reflexiva acerca deste aspecto, o longo conto machadiano, intitulado “O alienista” (in: A estação, 1881; Papéis avulsos, 1882) será o instrumento de estudo do nosso trabalho. No referido conto encontramos, através da figura do Dr. Simão Bacamarte, a crítica apontada por Machado de Assis – ao assinalar os limites entre o que se entende por “juízo” e “demência” – ao espírito racionalista e ao caráter cientificista/positivista do século XIX, responsáveis por conceber e propagar a ciência como via única e definitiva para solução de todos os problemas humanos. Sendo assim, investigaremos quais as implicações filosóficas encontram-se por trás da estrutura narrativa do conto, que nos possibilita - por meio dos posicionamentos do seu personagem principal e do seu destino - pensarmos as fronteiras existentes entre a literatura machadiana e a concepção positivista do mundo e da realidade.

CAPITU E DIADORIM: FRICÇÕES E INTERSECÇÕES ENTRE DUAS IDENTIDADES FEMININAS

Catarina da Conceição Rodrigues
Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC
e-mail: rio_baldo13@yahoo.com.br

Resumo: Neste artigo, pretende-se, a partir do conceito de fricção identitária cunhado por Rodrigues (2006), discutir sobre alguns pontos de intersecção e atrito entre as identidades das personagens femininas Capitu e Diadorim, criadas, respectivamente, por Machado de Assis e Guimarães Rosa, dois geniais escritores da literatura brasileira. A força dessas personagens protagonistas projetou os romances Dom Casmurro e Grande Sertão: Veredas para além das fronteiras da pátria de seus autores, tornando-os conhecidos internacionalmente. É essa força que intriga, seduz e que conduziu a questionamentos, tais como: que elementos apreendidos no discurso, literário e polifônico, sobre Capitu e Diadorim, indicariam aproximação ou fricção entre as identidades das duas personagens? Na busca de respostas para tal indagação, realizou-se uma pesquisa qualitativa, através do levantamento e análise de dados coletados em fontes bibliográficas, que incluem um arsenal teórico multidisciplinar, respaldado, prioritariamente, na Literatura e na Análise do Discurso. Após a coleta de dados, empreendeu-se a análise comparativa entre os discursos literários que constroem as duas personagens fictícias. Da análise, apreendeu-se que fatores como a localização espacial, social e temporal, dos dois universos construídos ficcionalmente, porém, embasados em realidades concretas e diversas, ou seja, Rio de Janeiro e sertão centro/norte-mineiro, interferem e apontam zonas de atrito mas, também, de intersecção, entre os dois mundos literários, oblíquos, dissimulados e plurais de Capitu e Diadorim.

A PARASITA AZUL: O ENIGMA EM UMA FLOR

Catiana Fernandes Ferreira
SOEBRAS/FUNORTE
e-mail: catianafernandes@yahoo.com.br

Resumo: No conto, *A Parasita Azul*, publicado em 1873, na segunda Coletânea de Machado de Assis, *Histórias da Meia Noite*. Verifica-se que o autor com o seu jeito peculiar instaura em uma das personagens femininas, formosura e enigmatismo. Um clima de mistério é criado em torno de Isabel, mulher bela assim como a flor, digna de muitas contemplações, o que atrai muitos pretendentes, mas somente um pode “tê-la”. Assim, este trabalho propõe uma discussão acerca de Isabel: mulher e flor.

LITERATURA E CINEMA: ECOS MACHADIANOS NO FILME QUANTO VALE OU É POR QUILO?

Ednéia Rodrigues Ribeiro
Colégio e pré-vestibular Método
e-mail: edneiarr@bol.com.br

Resumo: As idéias tecidas neste trabalho pretendem estabelecer comparações entre o conto *Pai contra Mãe*, de Machado de Assis, e o filme brasileiro, lançado em 2005, *Quanto vale ou é por quilo?*, de Sérgio Bianchi. Buscarei apontar a relação entre literatura e outros sistemas semióticos, apontando como o discurso cinematográfico é perpassado pelo literário neste filme. Será abordada a relação intertextual que o filme mantém com o conto machadiano ao resgatar suas personagens, vestindo-as com uma nova roupagem, dando-lhes um

aspecto contemporâneo. Demonstrando o quanto a obra machadiana é atual, e refletindo de que maneira as histórias apresentadas por esse mestre da literatura são revividas na sociedade brasileira atualmente.

VICISSITUDES DO PROCESSO CRIATIVO

Elcio Lucas de Oliveira
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
Faculdades Unidas do Norte de Minas - FUNORTE
e-mail: elciolucas@yahoo.com

Resumo: O tema da frustração do homem diante da vida é recorrente na obra de Machado de Assis. No conto “Cantiga de esponsais” (Histórias sem data - 1884) a melancolia que domina o renomado maestro Romão Pires é a sua impotência criativa, “era não poder compor, não possuir o meio de traduzir o que sentia”. Já em outro conto desse mesmo autor, “Um homem célebre” (Várias histórias - 1896), o pianista e exímio compositor de polcas populares Pestana angustia-se por não conseguir “compor alguma coisa ao sabor clássico, uma página que fosse, uma só, mas tal que pudesse ser encadernada entre Bach e Schumann”. A essas duas abordagens machadianas, iremos juntar neste estudo a que Cyro dos Anjos empreendeu com O amanuense Belmiro (1937), no qual a auto-análise e a intensa reflexão sobre as dificuldades expressivas do sujeito servirá como terceiro vértice nesta investigação do processo criativo.

REFLEXÕES DE DOIS BURROS FALANTES: QUAL É A MORAL DA HISTÓRIA NESTA CRÔNICA FABULAR DE MACHADO DE ASSIS?

Elisângela Aparecida Lopes
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG/ CEFET
e-mail: Elisalettras@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo desta comunicação é analisar a crônica de Machado de Assis, publicada a 16/10/1892, na coluna “A Semana”, do jornal *Gazeta de Notícias*, na qual o diálogo entre dois burros e os ares de fábula que o texto apresenta traz à tona questões relativas à recente liberdade concedida aos negros no Brasil. De forma velada, a crítica aos resquícios da escravidão se faz presente pela boca dos personagens que, a partir de uma visão de “dentro”, analisam a sociedade brasileira dos fins do século XIX.

O ECO INTELIGENTE: O DIÁLOGO ENTRE O ALIENISTA E O MISTÉRIO DA CASA VERDE

Evilázia Ferreira Martins
Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes
email: evilaziamartins@gmail.com

Resumo: Este resumo sinteticamente expõe o tema que será abordado no artigo *O eco inteligente: o diálogo entre O Alienista e O Mistério da Casa Verde*. Ele apresentará a intertextualidade feita por Scliar (autor do primeiro livro acima citado) com o livro de Machado (o segundo) considerando dois aspectos importantes que influenciaram e foram influenciados no diálogo daquele com este: o leitor-alvo e os possíveis discursos implícitos nas obras. Percebemos, ao lê-las, diferenças de linguagem, de enredo e personagens, mas igualdades com relação ao mesmo espaço físico, além de um pequeno resumo d'O Alienista em O Mistério da casa Verde. Essas marcas fizeram-nos questionar se a leitura do clássico abala-se com este tipo de diálogo e se há intertextualidade entre os discursos implícitos nas histórias ou apenas da linguagem explícita dos textos.

CAPITU, ENCANTOS E AMAVIOS

Fábio Figueiredo Camargo
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
e-mail: fcamargo3@uol.com.br

Resumo: Análise da música Capitu, de Luiz Tatit, como uma das traduções intersemióticas produzidas na contemporaneidade a partir da emblemática personagem de Machado de Assis, presente em *Dom Casmurro*. O artigo procura analisar a letra da canção a partir dos significantes elencados nesta em paralelo com o texto do romance, tomando essa tradução como uma criação a mais que suplementa o romance, ajudando a iluminá-lo dentro da cultura de massa.

A PLURALIDADE CONCEITUAL DAS LEITURAS INTERSEMIÓTICAS DO TEXTO MACHADIANO

Fernando Salomon Bezerra
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
e-mail: fernandosabez@yahoo.com.br

Resumo: A problemática da tradução intersemiótica dos textos literários de Machado de Assis para o cinema, com ênfase nos exemplos de Brás Cubas, dirigido por Júlio Bressane, Capitu, por Paulo César Sarraceni, Dom por Moacyr Góes e Memórias Póstumas dirigido por André Klotzel.

REGISTROS REALISTAS DA MODA COMO PARTE DO JOGO IRÔNICO EM *DOM CASMURRO*, DE MACHADO DE ASSIS

Geanneti Silva Tavares Salomon
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas
e-mail: gntavares@gmail.com

Resumo: Este trabalho pretende analisar os registros realistas da moda em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, visando a demonstrar seu funcionamento no romance como parte do jogo irônico promovido pela tríade autor, narrador e leitor. As recorrências à moda parecem ser elementos importantes para a construção das estratégias narrativas que visam à ironia, e, nesse sentido, tornam-se suportes para a caracterização das personagens de forma a fazê-las, não como seria esperado, mais reais e mais próximas do leitor, mas sim, ambíguas e desluzantes. O descritivo da indumentária das personagens, juntamente com a inserção de peças de moda em episódios que aparentemente fazem parte das memórias do narrador, constituem-se como estratégias narrativas na medida em que dão contornos às personagens, mas não lhes fixam sentidos, indicando, portanto, fazerem também parte do jogo irônico da obra. Tais estratégias narrativas apontam para a carga de ambigüidade e instabilidade do fenômeno moda, que assim contribui para manter o romance de Machado de Assis como uma obra sem fechamento, sem um final definitivo, passível então, de várias interpretações.

O NARIZ DO BRUXO

Geraldo da Aparecida Ferreira
Universidade de São Paulo – USP
e-mail: ferreira-geraldo@ig.com.br

Resumo: Pretendemos com esta comunicação apontar a recorrência da figura do nariz nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, para discutirmos – baseados em opiniões de estudiosos sobre essa reincidência – os significados que aquele órgão poderia assumir dentro da narrativa. Para reforçar a idéia da recorrência, faremos uma breve releitura do conto machadiano “O segredo do Bonzo”.

A DESCONSTRUÇÃO DA MULHER EM POEMAS DA OBRA *AMERICANAS*, DE MACHADO DE ASSIS

Geuvane Vieira de Oliveira
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
e-mail: giuvieiraoliveira@bol.com.br

Resumo: Neste texto, proponho apresentar um estudo sobre a mulher brasileira do final do século XIX, representada por Machado de Assis nos poemas “Sabina” e “Cantiga do rosto branco”, da obra *Americanas*. O estudo terá como foco principal a construção que o escritor faz da mulher não-ideal, que vive à margem da sociedade elitista da época, como a escrava do poema *Sabina* e a cortesã do poema *Cantiga do rosto branco*. Tomarei como estudo somente estes poemas, porque neles as mulheres representadas não são idealizadas como podemos ver na maioria dos poemas do escritor. Cabe, aqui, também observar o papel que esta mulher “marginalizada” ocupa na sociedade brasileira em contraponto com a mulher que prevalece nos poemas de Machado, a mulher ideal que segue os padrões da mulher romântica.

O FANTÁSTICO EM MACHADO DE ASSIS

Helen Sabrina Santos de Aguiar
Instituto Superior de Educação Ibituruna/ISEIB
helenaguia@yahoo.com.br

Resumo: Estudar Machado de Assis (1839 – 1908) é sempre uma tarefa prazerosa, e também um desafio. Não obstante muito pesquisada, sua obra ainda guarda temas pouco explorados. É o caso de seus possíveis diálogos com o “Fantástico”, gênero literário capaz de despertar no leitor seus sentimentos mais insólitos: medo, angústia, terror. Por um procedimento fortuito ou não do célebre escritor, temos a impressão de estar então diante do que é chamado “fantástico estranho” na teoria literária. Desse modo, o aspecto fantástico manifesta-se ambientados em sonhos, sendo logo “quebrado”, isto é, explicado, o que nos leva a conceituá-lo “estranho”. Eis o que designamos “fantástico estranho”, no dizer de Todorov, forma resultante da narração de acontecimentos aparentemente incompreensíveis “que podem perfeitamente ser explicados pelas leis da razão” e o são. Se o “fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” ao passo que “ao escolhermos uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. (Todorov, 1975, p. 31 e 53). Então crer-se encontrar o Fantástico em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* no capítulo VII, intitulado *O Delírio*.

ESAÚ E JACÓ: CENAS DE LEITURA E LEITORES EM CENAS

Henriqueta Do Coutto Prado Valladares
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
e-mail: pradovalladares@ig.com.br

Resumo: O trabalho pretende empreender uma “viagem” até o início do século XX com a leitura de *Esaú e Jacó*, romance de Machado de Assis, publicado em 1904. O autor que, através do texto ficcional, pluraliza pontos de

vistas, autorias, leituras, personagens, leitores, desencadeia em seus receptores deslocamentos para outras subjetividades, outras paisagens, outras histórias. O narrador em terceira pessoa, que figura em *Esau e Jacó* – o “Ele” – esconde o “Eu” do Conselheiro Aires. O diplomata, por sua vez, que assume diferentes papéis é também personagem e autor ficcional do romance. As leituras da “Advertência”, dos capítulos “A Epígrafe” e “Terpsícore” são algumas possibilidades de novas cartografias para os leitores repensarem lugares pouco seguros de uma história que se rompe em sua continuidade, uma vez que no discurso do romance são valorizados os vazios, as incertezas, as dúvidas, as penumbras, os silêncios. É ainda nos verbos parentes – “encobrir e descobrir” – da diplomacia que se pode ler uma obra escrita em uma espécie de Língua estrangeira. Dessa maneira os leitores de *Esau e Jacó* vão sendo instados às viagens, aos constantes movimentos, à historicidade, ao devir.

O OLHAR CRÍTICO DE MACHADO DE ASSIS SOBRE O POETA GONZAGA

Ilca Vieira de Oliveira
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
e-mail: ilcav@uai.com.br

Resumo: A imagem do poeta inconfidente Tomás Antônio Gonzaga aparece recriada em textos literários da literatura brasileira desde o Romantismo, instante de construção da identidade da nação, o corpo do poeta aparece ressignificado no discurso ficcional através da recomposição de fragmentos de sua vida. O contexto histórico do Brasil do século XIX contribuirá para a formação de vários mitos nacionais. A projeção de Gonzaga se deve, em grande parte, aos nossos intelectuais que exprimiam, sob os moldes românticos, a nossa libertação política e o nacionalismo brasileiro. A divulgação da imagem do poeta foi feita através de diferentes meios discursivos, tais como: os textos de críticos e historiadores da literatura, as canções e as narrativas da tradição popular, os textos literários, entre eles: o romance, o poema e o drama, o retrato imaginário, tela de João Maximiliano Mafra (1843) e, principalmente através de várias edições de *Marília de Dirceu*. O presente texto tem como objetivo demonstrar a visão de Machado de Assis sobre o poeta Gonzaga a partir do estudo dos seguintes textos: 1- Carta de 29 de fevereiro de 1868 para José de Alencar (*Correspondências*), 2- Conto: “Linha reta e linha curva” (*Contos Fluminenses*, 1870) e texto crítico: “Notícia da atual Literatura Brasileira – Instinto de Nacionalidade”, de 1873, observando como o intelectual letrado se porta como leitor, crítico, receptor-interpretador e divulgador da obra do poeta Gonzaga, principalmente quando faz uma reflexão crítica sobre o texto dramático *Gonzaga ou a Revolução de Minas*, de Castro Alves.

ABDIAS E BENTINHO: EQUIVALÊNCIAS DISCURSIVAS

Ilmar Rodrigues Fernandes
Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes
e-mail: profilmarm@yahoo.com.br

Resumo: A presente comunicação objetiva discutir algumas proximidades discursivas nas obras *Abdias*, de Cyro dos Anjos e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Em tais textos, encontramos personagens-narradores, que buscam através da escrita resposta para conflitos existências. A veia reflexiva comanda os textos e o deixa aberto para várias reflexões como: a memória da escrita, a plasticidade textual, a escrita solitária e solidária. Veremos que Abdias e Bentinho, mesmo sendo altamente sensitivos, não deixam de serem casmurros, pois são lacunares com a alma humana, assim é.

NOTAS PARA DUAS ESCUTAS: MACHADO DE ASSIS E TEOLINDA GERSÃO

Ivana ferrante rebello e Almeida
Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes
e-mail: ivana.ferrante@unimontes.br

Resumo: A obra *Os Teclados*, de Teolinda Gersão, lida sob o enfoque comparativista com dois contos machadianos, Um Homem Célebre e Cantiga dos Esponsais, evidencia espécie de labirinto em que se perdem e se encontram reflexos especulares entre os quais se configuram a busca eterna dos personagens, a escrita e a música. Nas obras analisadas, a metaficcionalidade é também matéria para se ler a dilaceração do ser, dividido entre o impulso interior e a ausência de comunicação entre os homens.

ENTRE A TERRA E O CÉU: A POLÍTICA NA RELIGIÃO EM MACHADO DE ASSIS

Janaina Honorato Andrade
e-mail: tini.letras@yahoo.com.br
Osmar Pereira Oliva
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

Resumo: Em um período conturbado da história política brasileira, Machado de Assis volve seu olhar para as coisas do alto com o intuito de falar à sociedade de seu tempo. Em um misto de religião, acontecimentos políticos e com sua tão recorrente “pena da galhofa”, ele traduz a política e seus respectivos personagens, do final do século XIX, parodiando com aspectos da crença religiosa. Os textos –base da fonte de pesquisa serão crônicas reunidas sob o nome “Balas de Estalo” (1883-1886). Nelas, os aspectos crítico, humano e irônico de Machado de Assis sobressaltam –inspirando-se em Vinícius de Moraes- na figura de um homem com os pés na terra e com os olhos voltados para o céu.

A PRODUÇÃO ARTÍSTICA EM QUESTÃO: UMA RELEITURA DE *CANTIGA DE ESPONSAIS* E *UM HOMEM CELEBRE*

Jane Adriane Gandra
Universidade de São Paulo- USP
e-mail: jaggandra@usp.br

Resumo: Lúcia Miguel Pereira (1988) considera que os contos de Machado de Assis são, na verdade, um prolongamento dos seus estudos sobre temas diversos. Apoiados nisso, pretendemos discutir neste ensaio – por meio de *A cantiga de esponsais* (1883) e *Um homem célebre* (1888) – o complexo da produção artística, já que tínhamos um meio cultural caótico e em formação. Destacamos, ainda, que essas narrativas não colocam em foco só a composição musical, mas as diversas artes num mesmo plano de precariedade de produção, principalmente, no que diz respeito a esse autor, o fazer literário.

MACHADO DE ASSIS POR SEUS BIÓGRAFOS

João Vianney Cavalcanti Nuto
Universidade de Brasília
e-mail: vianney@unb.br

Resumo: Este trabalho compara o perfil de Machado de Assis apresentado por três biografos: Lúcia Miguel Pereira, Raimundo Magalhães Jr. e Daniel Piza. A comparação visa a contrastar uma visão romantizada de Machado, influenciada por uma leitura biografista de sua obra; a pesquisa detalhada da formação de Machado de Assis por Raimundo Magalhães Jr. e a visão contemporânea de Machado por Daniel Piza. Em cada caso, vemos diferentes facetas do gênio brasileiro, relacionadas com diferentes leituras de sua obra e diferentes concepções da relação entre obra e vida.

O PATERNALISMO MACHADIANO EM “CASA VELHA”

Jônatas Gonçalves Rego
email: jonatasrego@yahoo.com.br
E. E. Profª. Maria Machado

Resumo: O presente texto pretende analisar a vertente paternalista no conto “Casa velha”, de Machado de Assis, em busca de uma melhor aceção sobre qual seria a intenção do autor ao retratar o mundo europeu do Século XIX, idealizado pelos Senhores e a sociedade imaginária que eles se empenhavam em realizar no cotidiano. Para isso, apontarei alguns pontos pertinentes da obra e recorrerei às noções conceituais e teóricas sobre paternalismo.

UM AUTOR E DOIS PERSONAGENS: QUINCAS BORBA E RUBIÃO

José Luís Jobim
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Universidade Federal Fluminense – UFF
e-mail: joseluisjobim@terra.com.br

Resumo: Ao analisarmos estes dois personagens “aluados” de Machado de Assis, podemos perceber que são elaborados para criticar, ao mesmo tempo, a sociedade da época e suas práticas, inclusive a de incorporar acriticamente as idéias da moda, sem refletir mais densamente sobre os problemas que existiam nos próprios fundamentos do que se incorporava. Pelo humor e pela ironia, Machado acaba desenvolvendo esta reflexão.

CARLOS DRUMMOND: O POETA LEITOR DE MACHADO DE ASSIS

Katiúscia de Sousa Pereira Silva;
e-mail: katiusciasps@hotmail.com
Ilca Vieira de Oliveira
ilcav@uai.com.br

Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

Resumo: Na poesia de Carlos Drummond de Andrade é notório que, além de dedicar poemas ao escritor Machado de Assis, Carlos Drummond também demonstra ser leitor e admirador da obra machadiana. Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre os poemas “Em Louvor de Mestre Aires”, “Novo Apólogo”, “A um Bruxo, com amor” e “Com Machado de Assis”, que são dedicados a Machado e/ou dialogam explicitamente ou implicitamente com alguma obra do autor, observando como o poeta Drummond assume o papel de leitor das obras de Machado em sua criação poética. Para realizar este estudo partiu-se da leitura e interpretação dos poemas de Carlos Drummond dedicados ao escritor Machado de Assis, o bruxo do Cosme Velho, encontrados nas obras *Viola de Bolso I*, *A vida passada a limpo*, *Discurso de primavera e algumas sombras* e *Poesia Errante* em diálogo com as teorias sobre a poesia, a leitura, o leitor, a memória e com os estudos críticos sobre a obra de Carlos Drummond e Machado de Assis. Nos poemas: “Em Louvor de Mestre Aires”, “Novo Apólogo”, “A um Bruxo, com amor” e “Com Machado de Assis”, o poeta Drummond, ao se portar como leitor da obra de Machado seleciona aquilo que é mais relevante para ele, pois, no momento de leitura torna-se cúmplice e autor das palavras que lê num processo de transferência da experiência pessoal e original

para o seu leitor. Assim, em uma reflexão poética sobre as obras de Machado, Drummond diz em um de seus poemas: "Outros leram da vida um capítulo, tu leste o livro inteiro".

DOIS CONTOS MUSICAIS DE MACHADO DE ASSIS

Lauro Meller
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-Minas
e-mail: meller1974@yahoo.com.br

Resumo: Nesta exposição, analisamos dois contos em que Machado de Assis aborda temas relacionados à música, a saber: "Cantiga de Esponsais", publicado originalmente no periódico *A Estação*, em 1883, e depois incluso no volume *Histórias sem Data*; e "Um homem célebre", publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1888, e depois inserida na coletânea *Várias Histórias*. No primeiro, Machado se atém ao tema da inspiração no processo de criação artística, narrando a história de Mestre Romão, regente que, apesar de maestro bem-sucedido, não logra seu desejo de se tornar compositor. Por sua vez, o protagonista de "Um homem célebre", Pestana, não sofre do mesmo bloqueio criativo. Grande compositor de polcas – gênero muito em voga no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX –, vive, em contrapartida, a frustração de não conseguir compor num estilo de prestígio, ou seja, a música erudita. Nestes dois contos, Machado nos fornece um panorama do cenário musical do Brasil Império, ao mesmo tempo em que aborda questões ainda atuais, como o mito da inspiração artística (*versus* a arte como ofício) ou o juízo valorativo da música erudita (de contemplação, isto é, para ouvir) *vis-à-vis* a música popular (de participação, vale dizer, para dançar).

PRESENÇA DE ALMEIDA GARRETT EM MACHADO DE ASSIS: ALGUNS LANCES SIGNIFICATIVOS

Marcelo Sandmann
Universidade Federal do Paraná - UFPR
e-mail: sandmann@ufpr.br

Resumo: A leitura de *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, bem como sua eleição como modelo romanesco, ao lado das obras de Laurence Sterne e Xavier de Maistre, é tópico que o próprio Machado de Assis fez questão de sublinhar, por exemplo no Prólogo da 3ª edição de suas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, e assunto que diversos estudiosos do romance machadiano já investigaram. No entanto, a presença de Garrett na obra de Machado não se restringe a esse episódio. Uma leitura ampla de seus textos (romances, contos, crônicas, poemas etc.) revela que o escritor brasileiro tinha o português em altíssima conta, e diversas vezes referiu-se a ele, bem como a obras suas. O presente trabalho propõe-se a apontar e comentar alguns lances significativos dessa "presença".

BENTINHO, HOMEM POUCO VIRIL - SUBSTITUIÇÕES QUE PERPASSAM O NARRADOR EM *DOM CASMURRO*, DE MACHADO DE ASSIS

Márcio Adriano Silva Moraes
Funorte/Soebras
e-mail: marcioadrianomoraes@yahoo.com.br

Resumo: Ser macho é decidir por si próprio, ser capaz de assumir suas responsabilidades, não as delegando a ninguém além de si mesmo. Essa representação do masculino virilizado não é perceptível na pessoa de Bento Santiago, protagonista da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. A percepção desse personagem é ofuscada e só pode ser revelada por terceiros. Dessa forma, Bentinho é freqüentemente substituído por outros personagens em suas decisões. Mostrar-se-á, então, como essas substituições contribuem para a formação pouco viril desse personagem machadiano.

MACHADO DE ASSIS, CRÍTICO DA IMPRENSA SENSACIONALISTA

Marcos Fabrício Lopes da Silva
Faculdade Promove de Sete Lagoas – MG
marcosflsilva@yahoo.com.br

Resumo: O contexto que cerca a temática desta comunicação é marcado pelo debate a respeito da co-responsabilidade da imprensa sensacionalista pela promoção de eventos desintegradores das relações sociais, tais como: a banalização da violência, a produção do medo coletivo e a reprodução da desigualdade no campo simbólico administrado pelos meios de comunicação. Busco neste estudo destacar e analisar, em um conjunto de crônicas publicadas na *Gazeta de Notícias*, a atuação de Machado de Assis como crítico da imprensa sensacionalista. Para o cronista, o sensacionalismo atuou como princípio editorial de forma acentuada na imprensa brasileira a partir dos anos oitenta do século XIX. Machado percebeu com perspicácia que o sensacionalismo, enquanto agente da 'banalização do mal', representava não só o grau mais radical de mercantilização da informação, mas principalmente a válvula de escape de nossa 'pulsão de morte', compreendida como fenômeno obscuro e curioso da psicologia coletiva.

A VIDA EM SILÊNCIO - UMA LEITURA DO CONTO “MISSA DO GALO”, DE MACHADO DE ASSIS

Maria do Socorro Mendes
Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes
e-mail: mariadosocorro_m@yahoo.com.br

Resumo: Este estudo pretende analisar o comportamento feminino no conto “Missa do galo”, de Machado de Assis. A submissão, a passividade e a carência da personagem Conceição revelam a condição da mulher na sociedade brasileira do final do século XIX. Machado de Assis, por meio da ironia, reflete sobre o silêncio que esconde as convulsões internas da personalidade feminina. Critica, assim, a vida regulada pelas convenções sociais, falsas e hipócritas, uma sociedade que organiza o mundo e abafa os sentimentos e as insatisfações da mulher.

UMA RELEITURA DE “MISSA DO GALO”

Maria do Rosário Alves Pereira
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
e-mail: mariadorosario58@yahoo.com.br

Resumo: Citada com frequência pela mídia como “grande dama da literatura brasileira” – expressão cunhada pelo crítico Hélio Pólvora –, integrante da Academia Brasileira de Letras, com uma vasta produção literária que perpassa contos, romances e crônicas, Lygia Fagundes Telles apresenta uma obra que guarda relações com textos de um dos escritores a quem mais admira: Machado de Assis. O objetivo deste trabalho é realizar um estudo comparativo entre o conto machadiano “Missa do Galo” e sua versão na pena da escritora paulistana, publicada originalmente na coletânea organizada por Osman Lins, em 1977, *Missa do Galo: variações sobre o mesmo tema*. Serão trabalhadas questões relativas à intertextualidade, mostrando quão original se faz a releitura lygiana, atualizando alguns aspectos do conto original, e, ao mesmo tempo, mantendo certas ambigüidades bem ao gosto machadiano.

DOM: UM DIÁLOGO INTERSEMIÓTICO ENTRE LITERATURA E CINEMA

Maria Generosa Ferreira Souto
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
e-mail: generosas@hotmail.com

Resumo: Ao propormos esta investigação acerca da adaptação fílmica de *Dom Casmurro*, nossa intenção será promover uma leitura dialógica entre as duas produções, literária e fílmica, analisar escolhas feitas pela equipe realizadora do filme em relação ao caminho trilhado no processo de adaptação do romance para o cinema. Nesta pesquisa abordamos o conceito de tradução intersemiótica desenvolvido por Júlio Plaza, promovendo sua associação ao termo adaptação fílmica. Considerado o parentesco teórico entre os dois conceitos, respectivamente tradução intersemiótica e a adaptação fílmica, nós os enfocamos de forma desierarquizada e mesmo similar. Em função disso, utilizamos tanto o termo tradução, quanto o termo adaptação fílmica. Uma única história poderá proporcionar diferentes interpretações, em função do meio em que será veiculada. Esta variedade de significados será possível devido aos signos apresentados, as vezes análogos, por outras vezes distintos ao confronto entre o livro e o filme.

MACHADO E OS MAPAS TEXTUAIS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NO SÉCULO XIX

Marina Leite Gonçalves
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC
e-mail: marinalgoncalves@ig.com.br

Resumo: Estudar a obra machadiana é sentir-se como aquele menino de Eduardo Galeano, que diante da imensidão e fulgor do mar, gagueja para o pai: “- Me ajuda a olhar!”. Dimensional por suas condições interpretativas, a literatura de Machado de Assis é fonte inesgotável de pesquisas acadêmicas. Este trabalho, entretanto, pretende enveredar-se por um terreno quase inexplorado na obra machadiana: os retratos da educação brasileira no Brasil Imperial. GLEDSON (2006, p.92) afirma que há na obra machadiana “uma especulação contínua, que Machado manteve durante grande parte de sua vida de escritor, sobre a natureza da história e das instituições políticas do Brasil no século XIX.” Percebendo que há, na obra desse romancista do Segundo Reinado, um desejo intencional de dramatizar a educação brasileira de sua época, é este o assunto que se pretende abordar.

MACHADO DE ASSIS: A ESCRITURA TEATRAL E POÉTICA DA ORIGEM DE *DOM CASMURRO*

Marli Fantini
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
e-mail: marlifan@terra.com.br

Resumo: Em *Dom Casmurro*, romance de 1899, o sujeito da escritura irá encenar a busca do tempo perdido, através da reconstrução do espaço perdido. Falho seu intento, decide escrever um livro utobiográfico. Ao adotar como modelo operatório para a construção de sua autobiografia, uma satânica versão poética e operística da Sagrada Escritura, bem como o drama *Otelo* de Shakespeare, o sujeito da memória justifica que, em ambos, encontrou explicações para sua própria vida; trata-se, contudo, de uma forma transgressora de tradução teatral

e poética, a mais adequada a quem, como ele, pretende refazer a origem e, para tanto, precisa reescrever, com nova pena e outros matizes, a história fixa que o aprisiona a uma indesejada e imaginária origem.

A CRIAÇÃO E A METÁFORA DA MORTE EM MACHADO DE ASSIS

Marli Silva Froes
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
e-mail: marli.froes@gmail.com

Resumo: Propomos uma leitura sobre o tema da criação em relação com a metáfora da morte, presente em alguns contos de Machado de Assis: *O dicionário*, *Um erradio*, *Cantiga de Esponsais*, *O Cônego e ou Metafísica do estilo*, com ênfase para o estudo comparativo do conto *Um homem célebre* e o curta-metragem *Um homem sério*, baseado nesse conto. Esses contos trazem um traço comum: o tema da "(im) possibilidade da criação, a falta, a incompletude inerente à linguagem, á criação artística, enfim são forças experimentadas com certa gravidade pelos narradores, que ao deparar com essa ausência do veio da sua criação, com o não-abarcar completamente o seu objeto de desejo tomam a metáfora da morte como uma espécie de "saída" para toda e qualquer esterilidade.

NEM ROMÂNTICOS, NEM REALISTAS: REFLEXÕES SOBRE OS ROMANCES MACHADIANOS

Nícea Helena Nogueira
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF
e-mail: nhan@terra.com.br

Resumo: A posição de Machado de Assis em relação aos principais movimentos literários de sua época, o Romantismo e o Realismo, é o tema deste estudo. O discurso narrativo de seus nove romances é abordado para demonstrar que onde quer que se perceba características desses dois movimentos em sua obra, não se pode rotular Machado conclusivamente como um escritor romântico nem realista. Machado transcendeu os limites rígidos impostos por essas escolas literárias e criou seu próprio estilo: um novo tipo de romance que traria consigo uma crítica aguda da sociedade de sua época, junto, também, com a consciência das limitações desses movimentos como produtos de um ambiente particular.

METAMORFOSES DOS NARRADORES MACHADIANOS - ENTRE DEFUNTOS, BURROS E FILÓSOFOS

Osmar Pereira Oliva
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
Pesquisador da FAPEMIG, CNPq
e-mail: osmar.oliva@pq.cnpq.br

Resumo: De 1892 a 1897, Machado de Assis colaborou como cronista no jornal carioca *Gazeta de Notícias*. Nessas crônicas, o autor de *D. Casmurro* projetou-se em inúmeros narradores para melhor debruçar-se sobre os assuntos da semana e comentá-los, extrapolando os fatos em si, para tornar a rônica um verdadeiro exercício de criação literária. Este trabalho pretende apontar algumas metamorfoses os narradores machadianos, que, pelas memórias de defuntos ou pela voz/consciência de burros, realizam uma reflexão sobre a filosofia da contemplação; um exercício memorialístico sobre o entrudo na cidade do Rio de Janeiro de oitocentos; comentários sobre a ameaça do cólera; críticas ao sistema de governo vigente e aos maus tratos a animais de carga - uma possível alusão aos escravos recém-libertos, jogados na Praça 15.

MACHADO, FAUSTINO E CAMILO: A LITERATURA LUSÓFONA NO OITOCENTOS, UM MAPA EM CONSTRUÇÃO

Paulo Motta Oliveira
Universidade de São Paulo - USP
e-mail: pmotta@usp.br

Na "Breve cronologia da vida e da obra", publicada no primeiro volume da *Obra Completa* de Machado de Assis da Editora Aguilar, como em inúmeras outras biografias de Machado, Faustino Xavier de Novais é sumariamente referido: "1866 – Chegada ao Rio de Janeiro de Carolina Augusta Xavier de Novais, irmã do poeta Faustino Xavier de Novais"

Foi ainda na década de 50 que Faustino, em função do grande sucesso que o seu livro de poesias tinha tido no Brasil, resolveu tentar a sorte no novo mundo. Para cá veio em 58, e quatro anos depois lançaria a revista *O Futuro*, em que colaborariam portugueses e brasileiros, entre eles, dos primeiros, o seu amigo Camilo Castelo Branco e a sua então amante Ana Plácido, e dos segundos o seu futuro cunhado Machado de Assis. Será em suas poesias póstumas, publicadas em 70 em livro de propriedade de Machado de Assis, que sairá uma longa poesia dedicada a Camilo, em que temos um trecho que merece ser citado:

Ninguém hoje sai à rua
Por saber novas da terra;
Se ao longe o vapor flutua
Já cá sabemos que encerra
Notícia de uma obra tua.

E apenas a vista alcance
Por sinal o galhardete,
Ao vê-lo, em rápido lance,
Ninguém diz – “Chega o pacote”
Dizem só – “Lá vem romance”¹

Esta poesia, escrita por autor português, publicada em livro de propriedade de escritor brasileiro, se referindo às viagens transatlânticas dos livros em português, poderá nos servir de mote para refletirmos sobre o mercado editorial em português da segunda metade do século XIX, em que Machado, Faustino e Camilo, além de alguns outros, poderão nos fornecer pistas para entender alguns dos fios e fluxos de uma intrincada rede. (1- NOVAIS, Faustino Xavier. *Poesias póstumas*. Rio de Janeiro: Tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1870. p.19-20.)

ROBERTO SCHWARZ LEITOR DE MACHADO DE ASSIS, LEITOR DA SOCIEDADE BRASILEIRA DO FINAL DO SÉCULO XIX.

Raphael Juliano de Araújo Silva
Felipe Teixeira Martins
Universidade Estadual de Montes Claros
neogiuliano@yahoo.com.br

Resumo: A intenção é elucidar a metodologia interpretativa que Roberto Schwarz utiliza para ler a obra machadiana *Memórias Póstumas de Brás Cubas* observando a relação existente no interior da estrutura do livro entre a estrutura da sociedade brasileira do final do século XIX e a forma narrativa com a qual o escritor constrói seus personagens e circunstâncias. Para os esclarecimentos das interpretações de Schwarz serão utilizados conceitos da sociologia da literatura. O contexto histórico será analisado de maneira a mostrar como Schwarz percebe no romance machadiano os traços da sociedade brasileira do período em que a obra foi escrita. Explicitaremos como Roberto Schwarz identifica e interpreta os tipos sociais que Machado de Assis constrói para trazer à sua narrativa um cunho social. A teoria de Roberto Schwarz aborda os aspectos da forma literária e sua função com o momento histórico do país. Seu método é o histórico social, pelo qual ele busca a relação dos tipos com o real.

MULHERES, VIOLÊNCIA E ESCRAVIDÃO NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

Regina Célia Lima Caleiro
e-mail: regina.caleiro@hotmail.com
Francisco Oliveira Silva
francisco@ig.com.br
Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

Resumo: Investigar o cotidiano feminino permeado pela violência inerente à ordem escravocrata do século XIX e o silêncio que se constituiu historicamente, em torno dessas experiências revela a construção social de uma identidade unívoca acerca do comportamento feminino vinculado à “natureza” maternal e pacífica das mulheres. Embora vasta documentação jurídica trate das relações estabelecidas entre senhores e cativos há um silêncio instigante na bibliografia quando direcionamos as pesquisas para a violência praticada e sofrida pelas mulheres. Entretanto outras fontes, especialmente as literárias, demonstram que elas assimilaram e lançaram mão de várias formas de violência especialmente no âmbito doméstico. Neste trabalho privilegiamos os contos de Machado de Assis: “O caso da vara” e “Pai contra mãe” como forma metodológica para compreendermos o universo cultural e social que permeou o século XIX para investigarmos como a banalização da violência, tributária da ordem escravocrata, foi incorporada ao cotidiano feminino, bem como os valores que nortearam a sociedade brasileira na segunda metade do século XIX. Partimos do pressuposto de que analisar estas pequenas histórias pode tornar-se um dos caminhos possíveis para compreendermos como a escravidão nos legou feridas ainda mal curadas e que, conscientes ou inconscientemente tentamos esquecer.

DUAS LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE “CONTO DE ESCOLA”, DE MACHADO DE ASSIS, E “ESCOLA”, DE GRACILIANO RAMOS

Rita de Cássia Silva Dionísio
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
Universidade de Brasília – UnB
FAPEMIG
e-mail: cassiadionisio@hotmail.com

Resumo: Assim como a família, a escola se configura como espaço de mediação entre a criança e a sociedade. Considerada como facultativa, e até mesmo dispensável até o século XVIII, a escolarização converte-se, aos poucos, na atividade compulsória das crianças – bem como a freqüência às salas de aula, seu destino natural – e incorpora, entre outros importantes papéis que a tornam imprescindível à vida social, o de colaboradora para a solidificação política e ideológica da burguesia. Nesta comunicação, que possui como objeto de análise o “Conto de escola”, de Machado de Assis (publicado originalmente em 1896, no livro *Várias histórias*), e “Escola”, capítulo do livro *Infância*, de Graciliano Ramos (publicado em 1945) – ambos considerados como recortes de

autobiografia de seus respectivos autores – refletir-se-á sobre as lembranças da infância de seus narradores. A escola se apresenta às crianças – em Machado, um menino de aproximadamente dez anos de idade, e em Graciliano, um menino de seis – como um “lugar para onde se enviavam as crianças rebeldes” (RAMOS, 1993. p. 104), um espaço de repressão e violência, associado reiteradamente a expressões como nuvens, sombra, prisão, castigo, palmatória, um “exílio entre paredes escuras” (RAMOS, 1993. p. 104) – enquanto lá fora, era possível ver, através da vidraça, o céu azul, por cima do morro, um papagaio de papel, alto e largo, que boiava no ar (ASSIS, 1998. p. 58).

CONSISTÊNCIAS FILOSÓFICAS NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Rodrigo Guimarães Silva
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
Pesquisador FAPEMIG
e-mail: rodrigo.guima@terra.com.br

Resumo: A comunicação intitulada “Consistências filosóficas na obra de Machado de Assis” busca situar, minimamente, os alcances e os limites das ressonâncias dos sistemas filosóficos nos textos machadianos. A presença de filósofos como Pascal, Schopenhauer, Sêneca e tantos outros em seus contos, romances e crônicas não confere a sua escrita uma formulação filosófica sistemática, ao contrário, como se evidencia nas palavras de Brás Cubas, uma “filosofia desigual” que se alterna entre os pólos da austeridade e do brincar “não edifica nem destrói” um modelo de pensamento que almeja a apreensão da realidade de uma forma totalizadora.

O GÊNIO, A PENA E A HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DO CONTO “MARIANA”

Simone Aparecida Aguiar
Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes
e-mail: lutreya@uol.com.br

Resumo: Machado de Assis, em seu conto “Mariana” revela, entre outros aspectos importantes, como a sociedade brasileira recebeu e reagiu aos movimentos em prol da liberdade dos afro-descendentes brasileiros que culminaram na abolição da Escravatura. À luz das polêmicas e dos debates em torno desses movimentos que sobejamente marcaram a segunda metade do século XIX, o escopo deste artigo é analisar aquele conto, enfocando a posição da mulher afro-descendente. Nascida e criada escrava e submetida aos caprichos do senhor de escravos, essa mulher encontra-se, repentinamente, alçada à condição de “quase liberta”, mas desnordeada em termos de que caminhos trilhar. Diante de tal condição, ela intenta tomar as rédeas de sua vida e se transformar no sujeito de sua própria vida, de seu próprio destino. Por outro lado, secularmente ocupando posição de pilar de uma sociedade ideológica e socialmente machista-falocêntrica - mas começando a desmoronar estéril e agonizante -, aquele senhor de escravos vê-se desnudado pela pena discreta e irônica de Machado que o revela um homem meio atônito, mas bastante alheio aos acontecimentos à sua volta, e, principalmente, indiferente ao “outro”.

CAPITU E PAULA: OS REFLEXOS ENIGMÁTICOS MACHADIANOS NA OBRA PEDRO E PAULA, DE HELDER MACEDO

Soraia Leite Silva e Oliveira
soraiaoliveira@yahoo.com.br

Resumo: Machado de Assis, pela sua notável capacidade de elaboração textual, intriga seus leitores com a criatividade irônica e enigmática que permeia suas obras. Um desses leitores que se mostra enleado com os enigmas machadianos é o escritor modernista português Helder Macedo. Este lança mão de tais características ao produzir a obra *Pedro e Paula*. Com base nisso, objetiva-se nesse trabalho analisar a vertente ambígua e enigmática presente nas obras *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Pedro e Paula*, de Helder Macedo. Elucidar a problemática elaborada em tais obras faz-se necessário a fim de que se aproxime do desatar dos nós presentes nessas literaturas. Dessa forma, pode-se observar a notoriedade machadiana que se intensifica a cada momento em que ele é revisitado, o que faz com que o seu estilo enigmático ultrapasse as linhas do tempo, chegando até a contemporaneidade.

A TAL DA DÚVIDA: SALMAN RUSHDIE REESCREVE MACHADO DE ASSIS

Telma Borges da Silva
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
e-mail: t2lm1b3rg2s@yahoo.com

Resumo: *O último suspiro do mouro*, do escritor indiano Salman Rushdie, é em tudo um romance contemporâneo, principalmente por sua estrutura enciclopédica, que favorece inusitados diálogos com a literatura, com a história e com outros discursos. O exercício pós-moderno de Rushdie – fazer de textos e discursos outros uma espécie de palimpsesto – desarticula as concepções modernas de próprio/alheio, angústia de influência, dentre outras, e inaugura pela via do suplemento um novo caminho para as literaturas até então ditas tributárias do cânone europeu. Pretende-se com esta comunicação aproximar o conceito de bastardia literária – elaborado em minha tese de doutorado, a partir da literatura de Salman Rushdie – do romance *D. Casmurro*, de Machado de Assis, a quem Rushdie elege como um de seus pais literários. Especula-se até que

ponto a suspeita de Bentinho em relação a Ezequiel – supostamente filho bastardo – não constitui uma angústia da própria escrita literária.

FIÇÃO E HISTÓRIA NO CONTO “PAI CONTRA MÃE”: UMA NARRATIVA DA ESCRAVIDÃO

Valderice Moreira Matos
e-mail: veram_matos@hotmail.com
Escola Estadual Professora Maria Machado

Resumo: Através da leitura do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, pretende-se, neste trabalho, abordar as relações entre a história e a ficção ao mesmo tempo em que se discute a questão da exclusão e da insensibilidade humana. Para este estudo, serão utilizadas como referência obras de críticos literários que dissertaram sobre o tema, bem como o referido conto machadiano.

ANALISANDO O CORPUS TEXTUAL (E OS TEXTOS DO CORPO): UMA LEITURA DE “A CAUSA SECRETA”

Vinícius Carvalho Pereira
Universidade Federal do Rio de Janeiro
e-mail: viniciuscarpe@ig.com.br

Resumo: O conto “A causa secreta” é um marco na literatura brasileira, devido à combinação de refinada técnica narrativa com uma arguta análise da alma humana, sendo o vocábulo *análise* central para este trabalho, o qual indaga o caráter analítico, em suas múltiplas acepções, dessa obra machadiana. Realiza-se, assim, uma leitura metalingüística do conto, que pode ser visto como uma metáfora do processo de análise literária, estetizado pela imagem da tortura infligida ao rato. Ao esquartejar o roedor, o personagem Fortunato fá-lo com regozijo, qual exegeta que lê nos meandros da carne textos do corpo. Da mesma forma, dá-se a análise literária, que viola os limites do *corpus* e lê suas articulações, sejam elas construções evidentes ou entrelinhas ocultas por uma pele a ser escalavrada. O texto ganha, portanto, materialidade, sendo passível de perfurações e penetrações que dão prazer, como a tortura que delicia algozes. No que tange à associação entre gozo e sadismo, o vocábulo *análise* ganha nova significação: se ambos são frutos do desejo, podem ser tomados como textos de uma poética do inconsciente, que fala por símbolos e metáforas através do corpo. Assim, a psicanálise aponta possíveis leituras do texto-corpo de Fortunato, dentro do corpo do texto machadiano.

UM OLHAR INTERTEXTUAL ENTRE OS CONTOS “MISSA DO GALO” E “O ILUSTRE MENEZES”

Waldhett Barbosa Matos
e-mail: waldhett@hotmail.com
Escola Estadual Professora Maria Machado

Resumo: Considerando que “(...) todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” (KRISTEVA, 1974, p. 64) e tendo em vista a importância dos recursos intertextuais no que concerne aos estudos de análise literária comparativa, é possível estabelecer um intenso diálogo entre os contos “Missa do Galo” do escritor Machado de Assis e “O Ilustre Menezes” de Nélida Piñon, autora brasileira contemporânea. Nélida Piñon empreende em seu conto uma reescritura do conto de Machado de Assis, só que narrando os fatos sob a ótica de um outro personagem. Mediante isso, este trabalho se constitui na tentativa de mostrar o diálogo textual entre os dois textos. Sendo que para isso, serão utilizados como referência alguns teóricos, bem como, os referidos contos.
e sadismo